

RESENHA

Cabral no presente

LUIZ GUILHERME BARBOSA
luizguilhermebarbosa@hotmail.com

Que a poesia de João Cabral de Melo Neto tenha iniciado sua trajetória a partir de um diálogo com o Simbolismo em Pedra do sono, que a educação pela pedra seja “bem obscuro e gaguejante”, que em O cão sem plumas se leia a deglutição antropofágica do cygne de Mallarmé pelo signo “cão” de Pernambuco, que o branco, a pureza, o açúcar e o livro sobre o açúcar de Gilberto Freyre, primo distante do poeta, sirvam de fundo à interpretação de um poema como “Psicanálise do açúcar” – esses gestos de leitura, surpreendentes para um leitor acostumado ao Cabral geométrico, luminoso, formalista, matinal, concreto, serialista, vêm ao encontro daqueles que não abrem mão e não fecham os olhos para ler, atentos, um Cabral que, poeta, é poeta da subjetividade.

Como, em alguma medida, os poemas de João Cabral leram sua leitora? Como imaginar a imaginação de João Cabral? Daí que o título do livro de Cristina Henrique da Costa, Imaginando João Cabral imaginando, exponha menos a subjetividade de quem o lê, e mais um Cabral que pouco se deixou ler enquanto produzia sua obra. O poeta, por exemplo, ao grafar, em título de estreia, a Pedra do sono, ecoasse talvez o que repetia em entrevistas acerca da poesia, que lhe provocava a “perda do sono”. Que a pedra fosse uma objetivação, em trocadilho, da perda, e que ambas fossem um acardar do “sono de pedra”, isso testemunha o emaranhado “complexo

de ver” que configura a obra cabralina não como um desejo de ver claro, mas, antes, um desejo secreto de ser punido pelos olhos.

Além da leitura nova que faz de Pedra do sono, a leitura que Cristina Henrique da Costa desenvolve de O cão sem plumas é forte. Primeiro texto do poeta em que aparece a palavra “real”, é também o primeiro poema da obra de Cabral no qual o sujeito poético deixa de ser pensado como origem – mesmo que secreta – da palavra, e passa a se constituir na “convivência metafórica” com a linguagem. Diferença figurada entre sujeito e linguagem, o poema é produto de imaginação. Sem as plumas do cisne que se imagina à revelia do lago, no poema de Mallarmé, o cão, no poema de Cabral, atravessa o poema – e a linguagem poética – em sua crueza monossilábica e metafórica, “como vivo, como ‘dentro’ (da sala, do bolso), como vivo e debaixo (dos lençóis, da camisa e da pele)”. Desmistificar os signos, destronar o cisne, o símbolo, para, em nome do animal, atravessar o poema como o rio, o Capibaribe, um rio real, atravessa a cidade. “Por isso, dizer: é urgente acrescentar ao rol dos feitos antropofágicos da nossa cultura, ao lado do bispo Sardinha, a data de 1949, ano da morte definitiva do cisne e da deglutição de Mallarmé”.

Outro exemplo, que também destaca Cristina Henrique da Costa, está na relação poética com a psicanálise. O “Pernambuco que nenhum Pernambucano reconhece” de Cabral (“The return of the native”) é irre recuperável, e procurar recuperá-lo (trazer de volta ou restaurá-lo) está fora de questão. Mortos – Pernambuco, seus cemitérios, sua paisagem humana – revelam que “a questão da

herança dos valores na poesia cabralina passa pelo processo paradoxal, como muitos outros, de uma identificação subjetiva radical que é ao mesmo tempo a recusa da objetivação da identificação”. Assim é que, em “Psicanálise do açúcar”, o açúcar de usina, industrializado, “mostra a mais instável das brancuras”, apenas entrevista pela gente do Recife. Pois mesmo o açúcar branco, de usina, impõe “mínima censura” sobre “o tal fundo mascavo [que] logo aflora”. Seja de usina, por “gente indústria”, ou de banguê, por “gente agricultura”, o risco está posto. No caso último, não há jeito: “o barrento da pré-infância logo aflora”.

Aporética, a psicanálise cabralina revela “uma coincidência paradoxal entre o real e o negativo”, de modo que o seu olhar para a modernidade, no que ela tem de transformação técnica do trabalho e da vida, é de “decepção”. Para Cristina Henrique da Costa, na poesia de Cabral, a modernidade projeta um movimento retornante ao arcaico, conferindo à história movimento cíclico inútil, afinal “o passado é sem futuro real, e o futuro é sem passado dizível”. No presente, esta poesia. Fazendo jus ao poeta subjetivo, na contramão da tradição crítica que leu a poesia de João Cabral como depuração da modernidade, Imaginando João Cabral imaginando lega uma consistente interpretação do poeta que segue fazendo do português uma língua mais difícil de dizer, que, por isso, pede uma leitura, como a de Cristina Henrique da Costa, a contrapelo da história.

Luiz Guilherme Barbosa é escritor, professor do Colégio Pedro II e doutorando em Teoria Literária pela UFRJ.

SERVIÇO



Título: Imaginando João Cabral imaginando

Autora: Cristina Henrique da Costa
Editora da Unicamp

Páginas: 456

Área de interesse: Teoria literária

Preço: R\$ 60,00

www.editoraunicamp.com.br

Unicamp premia inventores

Promovido pela Agência de Inovação Inova, Prêmio fomenta proteção e transferência de tecnologia

JULIANA EWERS
Especial para o JU

Em reconhecimento aos anos de pesquisa e à colaboração ao ecossistema inovador da Unicamp, a Agência de Inovação Inova concedeu, no último dia 23, prêmio a 146 inventores ligados à Universidade que foram destaque em 2015, no que tange proteção e transferência de tecnologia. Os prêmios foram divididos em quatro categorias: Destaque na Proteção à Propriedade Intelectual, que indicou a unidade da Unicamp com maior número de patentes depositadas; Tecnologia Absorvida pelo Mercado, que reconheceu o licenciamento que concluiu o ciclo da inovação; Patentes Concedidas; e Tecnologias Licenciadas.

Na abertura do evento, o professor Milton Mori, diretor-executivo da Inova Unicamp, ressaltou a importância de reconhecer as boas experiências da Universidade para fomentar ainda mais a cultura de inovação e avançar na promoção do desenvolvimento científico e tecnológico. “Outro ponto muito importante é chegar à ponta da cadeia. Ao fazer essas tecnologias virarem negócio estaremos também gerando empregos, riquezas e qualidade de vida. Isso também é parte do nosso trabalho”, afirmou.

O primeiro prêmio da cerimônia foi dado à “Unidade de Destaque na Proteção à Propriedade Intelectual”. Pelo segundo ano consecutivo, o IQ (Instituto de Quí-



Pesquisadores contemplados com o Prêmio Inventores Unicamp, em cerimônia que ocorreu dia 23

mica) foi agraciado com o troféu, recebido pelo professor Lauro Tatsuo Kubota, diretor do instituto. “Para nós, é uma honra muito grande receber mais uma vez esse prêmio como unidade de destaque. Ainda mais pelo fato de sabermos que, ano a ano, as unidades têm apresentado desempenhos melhores na proteção de tecnologias e, mesmo assim, continuamos nessa posição de destaque”, salientou.

O IQ foi o vencedor nessa categoria pois teve 12 patentes depositadas em 2015, além de 77 premiados, entre pesquisadores e professores. Na categoria “Tecnologia Absorvida pelo Mercado”, os vencedores foram a professora Lireny Gonçalves e o pesquisador Renato Grimaldi, da FEA (Faculdade de Engenharia de Alimentos) com a tecnologia “Uso de emulsificantes como agentes estruturantes de óleos vegetais – LOW SAT”, licenciada pela Cargill e que pode ser aplicada a recheio de biscoitos, massas, sorvetes, entre outros. “É muito gratificante receber esse reconheci-

to, porque são anos de dedicação e muita pesquisa para se chegar a esse resultado”, afirmou a professora ao ressaltar os dez anos de trabalho focados na área de óleo e gorduras. “Saímos de uma escala super pequena, laboratorial mesmo. Ver o impacto dessa pesquisa, ao vê-la na indústria, é motivo de grande orgulho para nós”, completou Grimaldi.

RECONHECIMENTO E DESAFIOS

Na opinião da diretora de Propriedade Intelectual da Inova Unicamp, Patrícia Leal Gestic, o prêmio representa um duplo reconhecimento. O primeiro deles diz respeito ao trabalho que docentes e pesquisadores vêm desenvolvendo ao longo dos anos e que coloca a Unicamp na posição em que está hoje no que se refere à proteção de suas tecnologias. A universidade é a terceira maior patenteadora do Brasil. Outro é colher os frutos da boa relação que

a Agência tem com a comunidade da Unicamp e perceber o quanto ela tem sido exitosa. “Esse é um trabalho constante, do dia a dia, de acompanhar e mapear projetos de pesquisa e identificar tecnologias passíveis de serem patenteadas. É motivo de grande orgulho para nós”, afirma.

No ano passado, foram concedidas 35 patentes da Unicamp pelo Inpi (Instituto Nacional de Propriedade Industrial). Atualmente, a universidade conta com 984 patentes ativas em seu portfólio.

MAIS DESAFIOS PELA FRENTE

Com tantas novas tecnologias sendo incorporadas à Vitrine Tecnológica da Universidade ano após ano, o desafio agora é licenciar-las ao mercado. Segundo a diretora de Parcerias da Inova Unicamp, Iara Ferreira, o licenciamento da tecnologia da professora Lireny Gonçalves e do pesquisador Renato Grimaldi, que foi premiado durante o evento, é um grande exemplo de interação entre o setor empresarial e a universidade. “Nosso objetivo é conseguir mais casos como esse. Por isso, trabalhamos ativamente na prospecção de empresas parceiras”, reforça.

Em 2015, a Agência de Inovação Inova Unicamp bateu recorde de licenciamentos. Foram 15 contratos assinados, totalizando 71 vigentes. Ao todo, eles dizem respeito a 125 tecnologias. Ainda no ano passado, 71% das ofertas tecnológicas foram feitas para empresas no Brasil e os outros 29% para empresas do exterior.

O PRÊMIO

O Prêmio Inventores Unicamp surgiu no ano de 2004 e é uma cerimônia realizada pela Reitoria da Unicamp e pela Agência de Inovação Inova Unicamp com o intuito de homenagear os pesquisadores da Unicamp (professores e funcionários) envolvidos em atividades de proteção e transferência de tecnologia e, com isso, promover o estímulo à inovação junto à comunidade acadêmica.